

## "MAFALDA NA SALA DE AULA: QUADRINHOS, IDEOLOGIA E CONTRA-HEGEMONIA NO ENSINO DE HISTÓRIA."<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Rebuá Oliveira<sup>2</sup>

Campo de Confluência: Linguagem, Subjetividade e Cultura  
Eixo Temático: 7 (Cultura, Linguagens e Arte)

### Resumo:

O presente trabalho visa analisar as possibilidades oferecidas pelas histórias em quadrinhos no ensino de História, tendo na personagem *Mafalda*, de Quino, seu objeto primordial. Um dos motes principais é a valorização dos quadrinhos como importante ferramenta nos processos de ensino-aprendizagem e como singular e imprescindível linguagem.

O arcabouço teórico do trabalho fundamenta-se sobretudo nos vieses gramsciano, acerca da ideologia, da hegemonia e da contra-hegemonia; e freireano, no que se refere ao entendimento da História como um processo dialético, não mecanicista, e da educação como uma prática coletiva, libertadora e eminentemente política.

### Introdução

A partir de reflexões sobre o ensino de história e seus desafios no cotidiano em sala de aula, e destacando a especificidade da linguagem das histórias em quadrinhos (HQ's<sup>3</sup>), o autor pretende desenvolver pesquisa acerca da utilização das tiras de quadrinhos da personagem Mafalda, de Quino, como fecundo e diferenciado recurso

---

<sup>1</sup> O projeto em questão tem orientação da professora Dra. Raquel Goulart Barreto e está vinculado à linha de pesquisa 'Cotidiano e Cultura Escolar' e ao Grupo de Pesquisa 'Educação e Comunicação', do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ.

<sup>2</sup> Oriundo do curso de graduação em História da Universidade Federal Fluminense (bacharelado e licenciatura), com ênfase em História do Poder e das Idéias Políticas na Idade Contemporânea e recorte em História da América Latina, o autor foi bolsista por dois anos de pesquisa de iniciação científica CNPq/PIBIC intitulada "A luta pela memória: a reconstrução do passado ditatorial argentino", com orientação do professor doutor Norberto Osvaldo Ferreras. Tal pesquisa tinha como foco primordial a análise da produção memorialística portenha acerca da história política das décadas de 60, e principalmente 70 e 80, com destaque para as novelas históricas e tendo nos gibis da argentina *Mafalda* uma importante fonte de pesquisa e análise.

<sup>3</sup> Abreviação comum para designar Histórias em Quadrinhos. Ela eventualmente será utilizada ao longo deste trabalho.

didático e como instrumento contra-hegemônico de interpretação da sociedade capitalista neoliberal e sua correlação de forças.

Os esforços da pesquisa concentram-se na análise das possibilidades oferecidas por *Mafalda*, no que tange à assimilação de conteúdos de fundo da disciplina de História (memória, democracia, autoritarismo, racismo, utopia, classes sociais, Estado), ao desenvolvimento do senso crítico e de uma nova cultura política a partir das reflexões e posturas de *Mafalda*, sobretudo no que diz respeito à sua visão libertária e antiliberal, e à valorização dos quadrinhos como memória fundamental de uma cultura, no caso de *Mafalda*, da cultura latino-americana.

### **Justificativa**

A preocupação com a utilização das HQ's em sala de aula se justifica na medida em que questiona os métodos tradicionais ainda utilizados por alguns docentes, que tornam o processo de ensino-aprendizagem atividade desprovida de alegria e envolvimento, como dizia Paulo Freire, tolhendo o "novo", privilegiando muito mais o texto que o recurso imagético e consagrando o que o educador pernambucano chamou de "ensino bancário". Ao mesmo tempo, a presente pesquisa valoriza a utilização das HQ's, durante muito tempo ausentes da sala de aula e das bibliotecas escolares, e hoje estimuladas pelos PCN's através do incentivo ao uso de linguagens diferentes.<sup>4</sup> Apesar disso, analisando os volumes 'Introdução' e 'Língua Portuguesa' dos PCN's, verifica-se que enquanto as palavras televisão, vídeo e TV aparecem trinta e cinco vezes, HQ's, surgem apenas uma vez, denotando que seu uso ainda é bastante incipiente no dia-a-dia escolar.

Se para um (a) aluno (a), seja ele (a) criança ou adulto, é extremamente difícil assimilar os processos históricos da História Medieval, por exemplo, (análise dos povos Godos, Visigodos, Normandos, Vikings...), a utilização dos gibis de *Asterix e Obelix*, dos franceses Goscinny e Uderzo pode ser uma ótima ferramenta didática. Nos estudos de

---

<sup>4</sup> Os PCN indicam no volume Introdução, que um dos objetivos do Ensino Fundamental é que os alunos sejam capazes de: "[...] Utilizar as **diferentes linguagens** – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, introdução, 1998, p. 5, grifo do autor).

História do Brasil, sobretudo no que se refere às desigualdades sociais e à História do Nordeste desde o século XIX, pode-se utilizar a *Graúna*, de Henfil, que ajudará bastante nos debates e análises realizados com os alunos. Mas por que *Mafalda*? Não seria ela uma personagem a ser utilizada somente nos estudos de História Contemporânea? Somente no que diz respeito à América Latina? A resposta é não. A genialidade de Quino encontra-se justamente no fato de que *Mafalda*, apesar de estar inserida histórica e espacialmente dentro da década de 60 e 70 da América Latina, ultrapassa as barreiras do tempo/espço e dialoga com elementos que estão “fora” de onde está circunscrita. É perfeitamente possível utilizar *Mafalda* para analisar a democracia ateniense bem como para indagar as causas da Guerra do Vietnã; pode-se utilizá-la na análise do papel da Igreja ao longo dos últimos cinco séculos bem como para obter indícios dos motivos que levaram ao surgimento de regimes autoritários civis-militares na América Latina a partir da segunda metade do século XX. É a riqueza de *Mafalda* e suas infindáveis possibilidades didáticas, principalmente nos estudos acerca da sociedade capitalista contemporânea e na proposição de “nortes” para a construção de um novo mundo possível, que instigaram a construção de uma pesquisa com este mote.

*Mafalda*, HQ criada em 1964 por Quino, pseudônimo do argentino Joaquín Salvador Lavado, representa a personagem de quadrinhos mais popular da Argentina. Sua curta trajetória vai de 1964 a 1973, através de três publicações: *Siete Días Ilustrados*, *Primera Plana* e *El Mundo*. Não foi fortuito seu término precoce: para Quino, seu repertório havia terminado e não seria interessante a repetição tampouco a “terceirização” na produção das tiras, como fez, por exemplo, Schulz, “pai” de *Snoopy*. Para Quino, a filósofa de seis anos, baixinha e invocada, utópica e questionadora das injustiças do mundo, de cabeça grande e laço de fita maior ainda, libertária, politizada, fã de Beatles e avessa a qualquer tipo de sopa, havia cumprido sua missão – ao mesmo tempo em que se transformava num fenômeno internacional ainda em destaque.

Os interlocutores de *Mafalda* também representam personagens extremamente ricas, como por exemplo, *Susanita*, a “burguesinha” fofoqueira, egoísta e briguenta cujo principal projeto de vida é casar e ter muitos filhos; *Felipe*, o sonhador, vidrado em histórias de aventuras, preguiçoso, tímido e que não gosta de ir à escola; *Manolito*, o empresário-mirim da turma cuja visão de mundo é norteadada fundamentalmente pelo

capital, principalmente quando tenta “vender” a qualquer custo os “singulares” produtos do Armazém de seu pai, o *Don Manolo*, onde trabalha. Ambicioso, bruto e materialista, porém de grande coração. Como *Susanita*, *Manolito* tem seu projeto de vida definido: ser dono de uma rede de supermercados! Além disso, odeia as opiniões politizadas de *Mafalda*. Completam a turma o simpático *Miguelito*, que deseja o estrelato mais do que tudo; a baixinha *Libertad*, uma miniatura de *Mafalda*, entusiasta das revoluções, da cultura e das reivindicações sociais; *Guile*, o irmão caçula de *Mafalda*, que descobre um novo mundo a cada engatinhada e os pais de *Mafalda*, típico casal de classe média, passivos, limitados intelectualmente e endividados.

### **Quadro Teórico**

Em relação ao arcabouço teórico da pesquisa, dois autores possuem destaque: Antonio Gramsci e Paulo Freire.

Gramsci (1891-1937), político, escritor e filósofo marxista italiano do início do XX, dedicou atenção especial em seus escritos, sobretudo nos *Quaderni del Carcere* (1948), às questões pedagógicas, engendradas principalmente pela preocupação com o papel da cultura e dos intelectuais nos processos de transformação histórica.

Nos *Cadernos do Cárcere*<sup>5</sup>, Gramsci demonstra grandes preocupações acerca das questões didático-pedagógicas, orientado pela sua concepção de vida, de cultura, de filosofia, de história, para quem o ser humano deve ser educado científica e culturalmente até os níveis mais complexos, sofisticados e modernos, partindo de uma estreita e vital ligação com sua base popular e com seu senso comum.

Para o teórico italiano, a educação é um processo de aquisição de conhecimentos necessários ao homem no seu intercâmbio com a natureza e com os outros indivíduos. Por isso, a educação ocupa lugar central no pensamento gramsciano e na sua luta política pela organização da cultura em nível de massa. Nos *Cadernos do Cárcere* ressalta o vínculo objetivo entre pedagogia e política, e a relação pedagógica que existe em toda sociedade, no seu conjunto ou quando coloca a escola como uma atividade essencial no futuro.

---

<sup>5</sup> GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Coleção. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2000.

Compreender o pensamento de Antonio Gramsci implica em conhecer o conceito de hegemonia, que significa a relação de domínio de uma classe social sobre o conjunto da sociedade. O domínio se caracteriza pelo consenso e coerção. A força é exercida pelas instituições e pelo controle do aparato policial-militar. O consenso refere, sobretudo, à cultura – que é uma liderança conquistada entre a maioria da sociedade e formada por um conjunto de valores morais e regras de comportamento. Assim, para o teórico italiano, toda hegemonia é uma ação ‘pedagógica’, isto é, de educação, de aprendizado.

Para o pensador sardo, o povo deve ser educado de modo a tornar-se sujeito ativo e consciente na vida política. O papel da educação tem relação intrínseca com o da cultura, que é o de construção de uma nova sociedade, de uma nova mentalidade. É com base no estudo da organização da cultura, cujo entendimento implica o conceito de reforma intelectual e moral, que Gramsci analisa de forma profunda o problema escolar. Nesse campo, ele vê a escola como uma das posições no interior da sociedade civil em que se pode promover a questão da organização da cultura e a reforma intelectual e moral, que são fundamentais para a elaboração de uma escola crítica.

Desta forma, Gramsci se insere no foco da investigação que se pretende realizar, uma vez que entende a escola como *locus* privilegiado da luta de classes e da construção/difusão/manutenção da hegemonia (neoliberal, nos dias atuais) e logo, da contra-hegemonia. Além disso, Gramsci é um dos poucos autores a estabelecer com maestria incursões no campo da História e da Educação, além da Filosofia e da Ciência Política, preservando sempre uma honestidade intelectual e uma coerência teórico-metodológica singulares. Ao defender a utilização de *Mafalda* como recurso didático para o ensino de História, propõe-se não apenas uma forma alternativa e lúdica de assimilação dos conteúdos mas, sobretudo, um modo de interpretar a sociedade capitalista contemporânea, suas contradições e efeitos, aproveitando a riqueza da personagem e suas posturas viscerais contra o liberalismo/autoritarismo, apontando rupturas, outras perspectivas, e contribuindo para o surgimento de uma nova cultura política, de novos olhares e possibilidades.

O segundo alicerce teórico da presente pesquisa é Paulo Freire (1921-1997), principal educador brasileiro, “pai” da pedagogia da libertação e de tantas outras. A opção por Freire é simples: *Mafalda* talvez seja a personagem de HQ’s mais freireana, no

sentido *lato* do termo, uma vez que encarna com perfeição a defesa intransigente de um olhar crítico sobre a realidade, da indignação como arma, do “assumir-se” enquanto sujeito de sua própria história, da marcação de um lugar no mundo, de onde a utopia não está tão longe e a esperança não é um *souvenir*. Assim como Freire, *Mafalda* tem a certeza de que “*é impossível existir sem sonhos*”<sup>6</sup> e que é possível modificar o “imodificável”.

A partir do conceito de “*inédito-viável*”, que preconiza a superação real dos aspectos opressivos do mundo, Freire costura suas argumentações, desde os primeiros trabalhos, na defesa intransigente da história como possibilidade, o que dialoga diretamente com o que se pretende discutir nesta pesquisa, qual seja a pertinência de um ensino de História crítico como instrumento transformador da realidade, questionando o senso comum e propondo constantemente novos rumos.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire sintetiza de maneira brilhante quais os desafios que o “ensinar” coloca para os educadores em sua lida. Observando atentamente suas sugestões, depreende-se que em sua maioria, vão ao encontro daquilo que *Mafalda* apregoa: ensinar exige alegria e esperança; ensinar exige a convicção de que a mudança é possível; ensinar exige curiosidade, etc.

A perspectiva freireana refuta a interpretação neoliberal da História, mecanicista e fatalista, que nega a utopia e a esperança, porque entende que a História não é algo pré-dado, inexorável, mas um problema: “*O mundo não é. O mundo está sendo.*”<sup>7</sup> Para Freire, não existe neutralidade no “estar” no mundo tampouco é possível compreender a História como possibilidade e não como determinismo, sem o sonho.

Segundo Freire:

*“Quanto mais me deixe seduzir pela aceitação da morte da história, tanto mais admito que a impossibilidade do amanhã diferente implica a eternidade do hoje neo-liberal que aí está, e a permanência do hoje mata em mim a possibilidade de sonhar. Desproblematizando o tempo, a chamada morte da história decreta o imobilismo que nega o ser humano.”*<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 35.

<sup>7</sup> Idem. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 76.

<sup>8</sup> Idem. *Idem*, p. 115.

São as semelhanças entre os olhares críticos acerca da História, do capitalismo sob a égide neoliberal, e a ênfase na indignação/ação como armas para se mudar o mundo, que aproximam *Mafalda* e Freire, corroborando para que este último seja utilizado como fonte primordial dos estudos a serem realizados.

## Fontes

As fontes desta pesquisa são todas as tiras de *Mafalda*, compiladas em *Toda Mafalda*<sup>9</sup> e *Mafalda Inédita*<sup>10</sup>, obra que reúne o trabalho de Quino com a rebelde menina portenha, na íntegra. Obviamente, uma seleção prévia já foi realizada, com as cem tiras mais ilustrativas e significativas para a pesquisa. Um bom recorte evita que este projeto se comprometa a cumprir muitas tarefas que são inviáveis devido à duração estimada de um mestrado. Cem tiras já é um número bastante elevado mas que é viável para trabalhar. A internet também se apresenta como fonte importante, uma vez que possui razoável acervo das obras de Quino, principalmente de *Mafalda*.

## Metodologia

Em âmbito metodológico, pode-se dizer que: a) A fase da pesquisa que corresponde à coleta de dados encontra-se facilitada não apenas pelo fato do autor possuir vasto material relacionado à personagem, principalmente devido à pesquisa na iniciação científica, mas também devido à grande facilidade que a internet oferece (sobretudo os sites argentinos) na busca a acervos diretamente do original em espanhol; b) Será desenvolvida uma análise acurada das tiras de *Mafalda*, seus diálogos, linguagem, estética visual, tendo em vista sua aplicabilidade em sala de aula e o embasamento das discussões que serão travadas ao longo do mestrado. Neste ponto, pretende-se desenvolver um trabalho de coleta de informações com alunos de diferentes faixas etárias e anos escolares,

---

<sup>9</sup> Quino. *Toda Mafalda*. Rio de Janeiro: Martins Fontes Editora, 2002.

<sup>10</sup> Quino. *Mafalda Inédita*. Rio de Janeiro: Martins Fontes Editora, 1993.

com o intuito de compreender de que forma *Mafalda* dialoga com diferentes estudantes. O fato de o autor ser professor de ensino fundamental facilitará a execução desta etapa.

Abaixo estão duas tiras de *Mafalda*, extraídas de *Mafalda Inédita*, que traduzem com maestria o olhar crítico de Quino e a possibilidade de se trabalhar em sala de aula com HQ's, problematizando a ideologia do *establishment* e tecendo interpretações contra-hegemônicas da realidade.

Tira 1:



Tira 2:



Na primeira tira Quino brinca com o poder executivo e suas práticas, quase nunca “novas”, partindo de uma típica brincadeira de criança na qual cada um “quer ser alguém” e problematizando de maneira lúdica o machismo (*Manolito* num tom agressivo dizendo que não existe presidente mulher) e a tradição latino-americana de governos autoritários, com mandatários que em nada modificam o panorama econômico-social de seus países. *Manolito*, muito bem representando como ministro das finanças, dada sua relação íntima com o dinheiro e sua sovinice, ainda permite interpretar que talvez a intenção de Quino também fosse a de alfinetar os militares argentinos, que três anos antes da publicação

desta tira, tinham realizado um dos vários golpes militares pelo qual a Argentina passou no século XX<sup>11</sup>.

Na segunda tira, de maneira bem clara, Quino discute a questão das majorias e das minorias e também das classes sociais (ricos e pobres), partindo de indagações típicas das crianças para chegar até a questão dos governos militares, marca indelével da política latino-americana, sobretudo na segunda metade do século passado.

A aristocrata da turma, *Susanita*, faz uma afirmação, como de costume, sem refletir muito sobre o que fala, causando estranheza em *Mafalda* e *Felipe*, uma vez que a “quantidade” de militares e presidentes existentes no mundo não tem relação direta com quem exerce efetivamente o poder.

Dentro das várias possibilidades do uso destas duas tiras pelo professor, uma primeira etapa possível consistiria na interpretação simbólica da tira, analisando as características das personagens (sexo, idade, classe social), o tempo/espaço, bem como a linguagem utilizada por elas. Esta etapa pode ser realizada individualmente ou em grupos, sendo mediada pelo professor.

Na tira 1, por exemplo, o professor poderia discutir com os alunos quem eles gostariam de “ser”: presidente, ministro, prefeito, etc. Posteriormente, a questão do gênero levantada por Quino poderia nortear a discussão, abordando por exemplo, quais papéis a mulher exerce na sociedade de hoje, a questão da “conquista” do mercado de trabalho por elas, sua jornada dupla, dentre outras questões. A seguir, o foco seria no quadro mais importante da tira, que trata da “inovação” no poder, no qual o diálogo com os alunos poderia estar referenciado pela questão do medo que as pessoas têm da política, ou então pra quem serve a política e qual a impressão que os alunos têm dos políticos. Este debate pode perfeitamente ser discutido numa aula sobre Revoluções (inglesa, francesa, russa), ou seja, momentos de ruptura onde o “novo”, a inovação emergem; ou então em aulas de História do Brasil ou Geral que tratam das conquistas sociais das minorias (mulheres, negros, analfabetos), outorgadas ou conquistadas (as concessões dos grupos dominantes em conjunturas específicas, a elaboração das Constituições, a pressão dos movimentos sociais, etc.).

---

<sup>11</sup> O golpe militar de 1962 foi liderado pelo general Raúl Poggi e derrubou o então presidente Arturo Frondizi.

A tira 2 poderia ser utilizada pelo professor de diversas formas. Uma forma possível seria na problematização do conceito de democracia, dentro de uma discussão da pólis grega ou da Inconfidência Mineira. O professor pode provocar os alunos no intuito de discutir “quem” efetivamente exerce o poder e se a “quantidade” define efetivamente quem “manda”. Outra possibilidade seria analisar a tira com base na questão da heterogeneidade dos grupos sociais, podendo fazer parte de diversas aulas, como o Feudalismo, a Revolução Industrial, o Brasil Colonial ou a Descolonização da África e da Ásia. O professor pode solicitar uma pesquisa sobre as desigualdades sociais, sobre a fome no mundo de hoje, tendo como objetivo instigar nos alunos a crítica da concentração de renda e poder nas mãos das minorias e dos efeitos que a má distribuição de renda provoca sobre as maiorias. Todavia, o assunto que dialoga melhor com a tira, sobretudo devido a seu último quadro, é o das ditaduras militares na América Latina no século XX. O grande objetivo de Quino nesta tira foi, sem dúvida, ironizar (utilizando a alienada Susanita para tal) a “democracia dos militares”, que transforma em “Revolução”<sup>12</sup> golpes civis-militares que subvertem a democracia e legitimam o poder de poucos.

Portanto, a pluralidade de possibilidades no uso de *Mafalda* corrobora com a hipótese principal desta pesquisa que defende a utilização das HQ’s não como uma simples ferramenta, uma “brincadeira” para divertimento dos alunos, mas como uma linguagem singular e eficiente de discussão da História e de assimilação de conteúdos diversos da disciplina, de maneira lúdica, porém extremamente séria e eficaz.

**Palavras-Chave:** Quadrinhos – Ideologia – Contra-Hegemonia

**Bibliografia Mínima:**

QUINO. *Gente*. In **Humor com humor se paga**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, nº 2, 1982.

\_\_\_\_\_. **Toda Mafalda**. Rio de Janeiro: Martins Fontes Editora, 2002.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo**. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 334p.

---

<sup>12</sup> A “Revolução de 30” e a “Revolução de 1964” no Brasil são ótimos exemplos.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2004.

CIRNE, Moacy. **História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros.** Rio de Janeiro: Ed. Europa & FUNARTE, 1990.

\_\_\_\_\_. **A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza.** 4ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

MOYA, Álvaro de. **História da História em Quadrinhos.** 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.